

EXPOSIÇÃO | SPOZIÇON

MARCO SILVA

No Piso Têrreo de Um Clarão

Ne l chano de un relhampo

DIREÇÃO E ORGANIZAÇÃO

DIREÇON I OURGANIZAÇÃO

Edgar Secca

Presidente do Conselho

de Administração

DIRETOR-EXECUTIVO | ANTUANTE

Manuel de Sousa

DATA | ERA

6 junho a 4 julho 2026

Sala 2

CORDENAÇÃO | CORDENAÇON

Beatriz Vieira

MONTAGEM | MUNTAIGE

Tiago Reis

Dan Gaina

Albertina Barros

ASSESSORIA DE IMPRENSA

ASSESSORIE D'AMPRENSA

Daniela Pinto

REDES SOCIAIS | REDES SOCIALES

Rita Azevedo

PROGRAMA JOVENS CRIADORES

NA ÁRVORE

PORGRAMA A MOCIDADE CRIADORA

NA ÁRVORE

TRADUÇÃO | TRADUÇON

Estrutura de Missão para a Promoção
da Língua Mirandesa (EMPLM)

DESIGN EDITORIAL

DESIGN EIDITORIAL

Humberto Nelson

VINIS | BINIS

Bluesmoke

EDIÇÃO | EIDIÇON

© Árvore – Cooperativa de

Atividades Artísticas, C. R. L.

2026

ÁRVORE – COOPERATIVA DE

ACTIVIDADES ARTÍSTICAS, C.R.L.

ÁRVORE – COOPERATIBA DE

ATEBIDADES ARTÍSTICAS, C.R.L.

Rua de Azevedo de Albuquerque, 1

4050-076 PORTO - PORTUGAL

www.arvorecoop.pt

Horário | Hourário

Segunda a sexta

Segunda a sesta: 10h00 às 18h30

Sábado: 14h00 às 19h00

Encerra aos domingos e feriados

Cerrado als demingos i feriados

COM O APOIO DA ESTRUTURA DE MISSÃO PARA A PROMOÇÃO DA LÍNGUA MIRANDESA

CUN L'AJUDA DE LA ESTRUTURA DE MISSÃO PARA A PROMOÇÃO DA LÍNGUA MIRANDESA

Árvore - Cooperativa de Actividades Artísticas, C. R. L.
integra a Rede Portuguesa de Arte
Contemporânea (RPAC)



CULTURA, JUVENTUDE
E DESPORTO



Com o apoio de:



EXPOSIÇÃO | SPOZIÇON

06.06 > 04.07.2026



MARCO SILVA

No Piso Têrreo de um Clarão

Ne l chano de un relhampo



A ÁRVORE CELEBRA A LÍNGUA MIRANDESA, UM PATRIMÓNIO A PROTEGER!
LA ÁRVORE CELEBRA LA LHÉNGUA MIRANDESA, UN PATRIMONHO A MANTENER!

MÊS DO MIRANDÊS | MÉS DE L MIRANDÊS

MARCO SILVA | BIOGRAFIA

Nasceu em Coimbra, em 2003. Licenciou-se em Pintura na Faculdade de Belas Artes do Porto em 2025. Atualmente desenvolve a sua prática artística independente no Porto e é professor de desenho e pintura na Escola Utopia. Na sua prática artística, procura cruzar temas e mitos da história da arte e da pintura numa relação interseccional com a auto-representação. No seu trabalho, a pintura é corpo central para desvendar enigmas e inquietações interiores, servindo-se do conflito real/imaginado que sempre lhe(s) esteve implícito. Esse outro lado que a pintura sempre alucinou, procura ser um espaço de realidade do Ser, ainda por revelar, oferecendo chaves para pensar a pintura enquanto força ontológica.

MARCO SILVA | BIOGRAFIA

Naci an Coimbra, an 2003. Lhicienciou-se an Pintura na Faculdade de Belas Artes de l Porto an 2025. Agora zambuolbe la sue prática artística andependiente ne l Porto i ye porsor de dezeinho i pintura na scola Utopia. Na sue prática artística, busca cruzar temas i mitos de la stória de l'arte i de la pintura nua relação adonde cruza tamien la auto-representação. Ne l sou trabalho, la pintura ye cuorpo central para amostrar adebinas i cunsemições anternas, serbindo-se de la guerra antre l real/manginado que siempre fizo parte. Esse outro lhado que la pintura siempre zbairou, busca ser un campo de rialidade de l Ser, inda por rebelar, oufrecendo chabes par apensar la pintura anquanto fuorça ontológica.

NO PISO TÉRREO DE UM CLARÃO

No Piso Térreo de um Clarão tem como ponto de partida a noção de jardim privado que, desde tempos ancestrais, se afirmou como um espaço de reflexão e contemplação existenciais. Através da pintura imbuída de uma certa transparência representacional (nos termos de Carlos Vidal), torna-se possível enquadrar e dar a ver um espaço outro, onde o caráter meramente material da obra é extravasado por um aparecer da verdade: um des-velar ontológico (como nos falava Heidegger). Nesse sentido, através da matéria plástica e pela poesia do gesto, estas pinturas constroem um espaço limiar, emaranhado nas suas próprias lógicas, dando à luz um lugar crepuscular, onde o ser se desvela, ultrapassando a sua imagem: clarão.

O crepúsculo, umbral entre dia e noite coloca-nos em contacto com um outro ser em nós, onde a luz natural já não acede, estabelecendo um movimento para a escuridão da incerteza interna. Esta transição, encontra na pintura a estratificação em camadas de luz e gesto uma espécie de jardim da eternidade; recinto contornado por muros, em que o tempo transitório se congela e faz eclodir a passagem de um lado a outro. No Piso Térreo de um Clarão, posiciona-nos na gaiola de todos os tempos, congelando corpos em lutas catalépticas à **espera de receber um último golpe.**

NE L CHANO DE UN RELAMPO

Ne l chano de un relampo ten cumo punto de salida l'eideia de jardin pribado que, yá muitá, creciu cumo campo para cismar subre la bida. Cula pintura anchoquecida de ua cierta trasparência repersentacional (nas palabras de Carlos Vidal), ye possible anquadrar i dar a ber ua campo outro, adonde l calatriç material de la obra ye arrepassado por ua aparecer de la berdade: un des-velar ontológico (cumo nos dezie Heidegger). Nesse sentido, cula matéria plásquita i cula poesie de l géstio, estas pinturas fáien un campo lhemite, ambaralhado nas sues próprias lógicas, amostrando un sítio de lhuçque- fuçque, adonde l ser se rebela, arrepassando la sue eimaige: relhampo.

L lhuçque-fuçque, portalada antre die i nuite, pon-mos an cuntato cun un outro ser de nós, adonde la lhuç natural yá nun chega, fazendo un mobimiento para l scuro de l'ancerteza eiterna. Esta passaige acha na pintura ls scalones an camadas de lhuç i géstio ua spece de jardin de l'eiternidade; terreiro arrodido de paredes, an que l tiempo que passa se deten i fai rebentar la passaige de un lhado a outro. Ne l Chano de un Relhampo pon-mos na gueiola de todos ls tiempos, detenendo cuorpos an lhuitas cumo de ancantos a la spera de lhebar al última porrada.